

584 35

50.

46
6576

CRITICA

A's

MODAS ESCUSAVEIS,

E AOS

COSTUMES REPREENSIVEIS

FEITA POR

HUM FILOSOFO MORAL

NO ANNO DE 1805.

DEDICADA

A' MOCIDADE PORTUGUEZA.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. D. CCC. VI.

Com Licença.

Venha a Sátira influir-me,
Q' inda que he tão mal olhada,
He mil vezes com razão
De muitos Sabios louvada.

E mil vezes ella o seja,
Sempre que não criticar
Senão as acções, que os homens
Podem por si emendar.

*Do Rustico Habitante dos valles da Serra da Estrella: No Poema
da Dama, e dos dous Pacientes.*

MOCIDADE PORTUGUEZA.

Offereço-te esta obra, porque não havendo quem mais do que eu te ame, desejo que, fugindo dos defeitos, chegues á maior perfeição. Não me julgues mordaz: as muitas Pessoas, com quem tenho vivido, poderiaõ attestar que jámais tive o defeito de dizer mal de alguém. E se agora me vês compondo huma crítica, he porque posso jurar que quando a fiz não tive animo de offender pessoa alguma, nem de criticar alguém em particular: filla só para mostrar-te a futilidade das modas, e o feio de alguns costumes, que se oppõe á boa Moral: e praza adiante que fugindo discretamente de mereceres esta crítica, te eduques de forma que sejas util ao Rei, á Patria, e á Religião. Então algum Vate, ou muitos Vates mais sábios, e mais habeis do que eu, cantarão os teus louvores: eu ficarei satisfeito, e tu serás digna do grande e honroso Nome Portuguez.

NO. 111 DE 1881

... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..



... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..

A' BELLA MARCIA.

Epistola III.

¹
COmadrinha o teu defluxo
 Tem-me posto em tal estado,
 Que nesta noite acordei,
 Mil vezes triste e assustado.

²
 Nos olhos pezando o somno,
 Logo a dormir retornava,
 E assim que outra vez dormia
 Contigo outra vez sonhava.

³
 Porém não sonhava os sonhos
 Daquelle doce prazer,
 Com que amante fantazia
 Sabe ás vezes entreter.

⁴
 Nem sonhava que te via
 Linda, Bella, e Engraçada,
 Qual te fez a natureza
 Para seres adorada.

⁵
 Sonhava só ver-te afflicta
 Com essa tosse cruel,
 Que fere teu lindo peito,
 E que assusta o meu fiel.

⁶
 E a dôr de ver-te affligir
 Minh' Alma tanto assustava,
 Que entre suspiros e ais
 Logo outra vez despertava.

⁷
 Quem vir isto hade julgar-me
 Hum amante apaixonado,
 Quando Eu sou só, como devo,
 Teu Compadre, e teu Criado.

⁸
 Mas disto só tem a culpa
 Quem me deu hum coração
 O mais sensível, e cheio
 De ternura, e gratidão.

⁹
 Assim com amor sincero
 Venho eu a parecer
 Qualquer outro que te amára
 Contra o seu, e o teu dever.

¹⁰
 Porque os outros quando amão
 Co'amor mais forte e ardente,
 Amão como eu, quando amo,
 Com sincero amor decente.

B

Por-

11

Daqui póde colligir-se
Qual o meu amor seria,
Se com amor de paixão
Chegasse a amar algum dia.

12

Porém nós estamos livres
De sentir esta paixão:
Tu porque és qual deves ser,
E eu por minha reflexão.

13

Esta reflexão me dá
A força de resistir
A's setas mais penetrantes,
Com que amor me quer ferir.

14

Ella não me faz temer
O rigor, traição, e damnos,
Com que amor faz infelices
A mil milhares de humanos.

15

Porque Ovidio me ensinou
A saber tratar amor,
E a mudar de hum coração
Em doce affago o rigor.

16

Mas faz-me ver que me faltão
Prendas, bens, e gentileza,
E que não devo aspirar
A que me ame huma belleza.

17

Isto quando não amasse
A moral filosofia,
Que me ensina a desprezar
De amar a doce mania.

18

Aspirem os homens grandes,
Que em berlindas bem pintadas,
Vão aturdindo os que encontrão,
E vão quebrando as calçadas.

19

Aspire o que anda montado
Em rabão cavallo Inglez,
Mostrando nas pernas largas
Desdenhar ser Portuguez.

20

Aspire o que aprendeo linguas
Quando não custa aprender,
E falla a propria tão mal
Quanto não posso dizer.

21

E o que esteve hū mez em Londres,
E na França dous ou tres,
E depois volta affectando
Já não saber Portuguez.

22

E os que sem fazer viagens
Mais que a Atalaja e Barreiro,
Fingem fallando, que são
De algum Paiz estrangeiro.

23

Que citão Rousseau, e Voltaire
Fallão na China, e na Persia
Sem estudar Geografia
Sem lerem a Controversia.

24

Q' em frequentando algum tempo
As Aulas ma tricúlados
Já fallão em tom de Mestres
Fossem ou não approvados.

25

Aspire o Mestre qu' ensina
 Varias prendas de agradar,
 E que mistura com ellas
 As Artes de namorar.

26

Aspire o Criado astuto,
 Q' á bella Aina aspirando,
 Vai com intrigas e geitos
 As visitas desviando.

27

Que chora quando ella chora,
 Porém que sabe atrevido
 Sem motivo ameaçalla
 Com seu honrado Marido.

28

E que em lugar de encontrar
 Em resposta bofetões,
 Acha tollas, bem que honradas,
 Que lhe dão satisfações.

29

Vindo a cahir deste modo
 Na infeliz situação
 De ou lhe fazer a vontade,
 Ou de soffrer-lhe a traição.

30

Aspire o que a São Macario
 Fez algumas romarias,
 E o que na quinta do Coxo
 Gastou o dinheiro, e os dias.

31

Aspire o taful que augmenta
 O Idioma Portuguez,
 Chamando ao dinheiro pintos,
 Huma de doze, ou de tres.

32

Aspirem os Militares
 Que da Tactica zombando,
 Cuidão só em ter penachos,
 E espadões de ir arrastando.

33

Que usão nas orelhas brincos,
 Para que linguas malvadas
 Digão que tem as Cabeças
 Como as Orelhas furadas.

34

Qu' em lugar de andarem livres
 Com ar nobre e militar,
 Vão assim como as estátuas
 Sem a algum lado voltar.

35

Aspirem esses, que sendo
 A' Igreja dedicados,
 Usão vestidos de côres,
 E chapéos amantilhados.

36

E aquelles, que professando
 Reclusa vida exemplar,
 Vivem como se não fossem
 Ministros do Santo Altar.

37

Aspirem os Escolapios
 Já que tem introduzido
 Que na Arte de curar
 Tem uso o quinto sentido.

38

Aspire o que tendo empregos,
 Que o devem sempre occupar,
 Leva as noites no Theatro,
 E os dias a passear.

B 2

Sem

39

Sem que os gemidos dos tristes,
Que delle tem dependencia,
Lhe toquem o Coração,
Lhe aballem a consciencia.

40

Antes surdo ás ternas vozes
Da Justiça, e da Razão;
Vai o alheio repartindo,
Segundo a sua paixão.

41

Sem temer que o Ceo, que he justo;
Hum dia chegue a vingar
Tanta Viuva a gemer,
Tantos orfãos a chorar.

42

Aspirem os mais Adonis,
Que julgão desvanecidos,
Que as Bellas perdem por elles
O socego, e os sentidos.

43

E os que trazem o Cabello
Por tal modo tosquiado,
Que comparallos não pude
Por mais que tenha estudado.

44

Pois bem que revi os livros
Da Historia Natural
Não pude achar Cabecinha,
Que fosse assim tal e qual.

45

Verdade he que quando tratão
Dos Monos de algum Paiz,
Lá encontrei cabecinhas
Com quem comparallos quiz.

46

Mas reparei que devia
Ter co'os homens attenção;
E respeitando o Character,
Não fiz a comparação.

47

E muito mais quando vi,
Adoptando estas idéas,
Algumas Bellas, que querem
A' força parecer feias.

48

Bem que algumas tem astucia;
Pois por não cahir n' asneira,
Em lugar de tosquiar-se
Põe horrenda cabelleira.

49

Cruel paixão pelas modas
Que não lhes deixa escolher
As que as fazem mais galantes,
Das de horrendo parecer.

50

Por isso a trazer chegarão
Algibeiras desmarcadas,
Cabelleiras de Cães d'agoa,
E até verdes, e encarnadas.

51

Mas inda era peor
O penteado ou Cabelleira,
Que julgo foi o modello
Da que hoje he torre d'asneira.

52

Creio que sabes que fallo
De huma torre singular,
Feita pela estravagancia
Para della se fallar.

53

E qualquer veria logo
Que he a que tem varias cores,
Sem que tenha serventia
Junto da Praça das flores.

54

Taes são do mundo os caprichos,
E das Damas os cuidados
Que em sciencias, ou em prendas,
Seriaõ bem empregados.

55

Tem disso a culpa os tafues
Porque elogios lhes tecem
A esses mesmos enfeites,
De que na ausencia escarnecem.

56

Devendo sinceramente
Convencellas que a belleza
Nunca provém dos enfeites,
Porém sim da Natureza.

57

Mas deixallas té que o tempo
Cruel lhes venha mostrar
Que só os enfeites d' Alma
He que se devem prezar.

58

Então verãõ que só estes
He que tem a condição
D'agradarem sempre a todos
Na maior estimação.

59

E arrependidas aquellas,
Que de obtellos não cuidarãõ,
Chorarãõ perdido o tempo
Que nas modas empregãõ.

60

Aspirem esses teimosos
Impertinentes Amantes,
Que paixão mezes, e annos
Feitos tristes supplicantes.

61

E o que gosta de vestir
A casaca, ou rocoló,
Que parece que foi feita
Da do Irmão, e da do Avô.

62

Pois da cinta para baixo
He a do mais novo Irmão,
Para cima a do Avô
Corcunda, gordo, e poltrão.

63

Nestas casaquinhas põem
Celebres mangas franzidas,
Que o uso das mãos lhes tirãõ
Por serem muito compridas.

64

Vindo a ser a tal casaca
Obrã de tres, mui galante,
O corpo das que já disse,
As mangas da d' hum Gigante.

65

E querem que seja preta,
Porque no seu entender
Serve para as funções todas
De pezar, ou de prazer.

66

Vindo a ser as meias quem
Mostra qual he a função;
Se he pezame, ellas são pretas;
Se he de annos, vermelhas são.

67

E até vão a funções taes
Estes polidos Senhores
Com as polainas, que trazem
No meu Paiz os Pastores.

68

Mas que muito que em polainas
Vão a funções tão decentes,
Se eu os vejo nas Igrejas
Em ciloiras entre as gentes.

69

O resto do seu vestido
Parece que não he seu,
Pois tem calções de Gigante,
E coletes de Pigmeu.

70

Mas he porque só desejão
Ter cara, e mãos de belleza,
E no mais emendar querem
A obra da Natureza.

71

Em fim, são no seu vestir,
E no calçar muito airosos,
Pois trazem botinas largas
Como se fossem gotosos.

72

E os çapatos, que até 'gora
Parecião dous palitos,
Passarão a ser redondos,
Porque os julgão mais bonitos.

73

Vindo a ter por este modo,
Senão conducta sizuda,
Ao menos o pé redondo,
E a cabeça muito aguda.

74

Mas já houve quem julgou,
Vendo-os a primeira vez,
Que alguém lhe tinha cortado
Quasi ametade dos pés.

75

Aspire o que esgota a bolça
Ao jogo da Banca, e Dados;
E depois joga de resto
Sem que isso lhe dê cuidados.

76

E os que usão a camizinha
No peito rica, e bordada,
Porém que não tendo costas,
He com trenas amarrada.

77

Não julgues que da pobreza
Faço zombaria assim,
Pois se eu zombava dos pobres,
Tambem zombava de mim.

78

Zombo da paixão das modas,
Que não lhes deixa pensar.
Q'ô mais pobre he sempre o pobre
Que quer de rico affectar.

79

Culpo o não ver que o dinheir
Que lhe leva a bordadeira,
Lhe dava duas camizas,
Ou ao menos huma inteira.

80

Aspirem esses que andão
Pelas ruas espantados
A passo curto, e a compasso
Dos bracinhos arqueados.

81

E que olhando-se a miudo,
 São de si muito contentes,
 Com os olhos nas janellas,
 O lenço tapando os dentes.

82

Com meia vara de junco
 Em ar de sceptro na mão,
 Real do imperio, que tem,
 As Bellas no coração.

83

E outras vezes com a luva
 Em lugar do sceptro amado,
 As batem junto á cinta,
 A abaixo do costado.

84

Com o chapéo posto ao viés
 No hombro esquerdo deitado,
 Não ter bico algum na frente,
 Os cantos amantilhado.

85

Que a barba trazem mettida
 Nos pescocinhos tufados,
 Luxando-a bem adiante
 Para serem corcovados.

86

Que quando se põe de pé
 Fazem galante figura,
 Peito e ventre recolhidos,
 Bem avançada a cintura.

87

Que se vão contradançar,
 Se espanejão habilmente,
 Trazendo sempre os bracinhos
 Em ar de levar presente.

88

Que para mostrar que guardão
 O compasso com desvellos,
 De quando em quando o assignalão
 C'os hombros, e os cotovellos.

89

E julgão dançar melhor,
 Mas só o mais effectado,
 Não o que mais bambaleia,
 E que anda mais corcovado.

90

Nisto acho eu desculpa ás Bellas,
 Pois como amão os enfeites,
 Julgo que dançãõ assim
 Para achar os alfinetes.

91

Com tudo admiro a todos,
 Porque dançando ás marradas,
 Não sahem da contradança
 Com as cabeças quebradas.

92

Porém quebrão as daquelles,
 Que não entrãõ na dança,
 Vendo levar huma noite
 Inteira na contradança.

93

Mas que hade ser se a preguiça,
 E a falta de educação
 Faz com que hoje a Mocidade
 Aborreça a instrução!

94

E não podendo em discursos
 Algumas horas passar,
 Recorrem á contradança
 Pois basta andar, ou saltar.

95

Vindo a ter a contradança
Privilegio de Cassino,
Que tanto pôde jogallo
O velho, como o menino.

96

Pois bem que tenha este jogo
Difficuldades bastantes,
Vão jogallo á mesma meza
Os sabios, e os ignorantes.

97

Por isso se desterrarão
As danças da seriedade,
Porque pedião estudos,
Propensão, e agilidade.

98

E além disto a contradança,
As Walsas, e os cotilhões
Lhes dão para os seus intentos
Desejadas occasiões.

99

Pois se antes da dança estavam
Sérios, tristes, e callados,
Depois della estão risonhos,
E mui desembaraçados.

100

Nos intervallos conversão,
E bem que em lingua vulgar,
Ninguem os pôde entender,
Mas lá se entendem com o par.

101

Aspirem esses que agradão
A's Senhoras quasi todas,
Dizendo mal das ausentes,
E fallando-lhe nas modas.

102

E se acaso no outro dia
Fallão ás ausentes bellas,
Hoje lhe dizem das outras,
O que honte disserão dellas.

103

Que namorão quantas vem
Ou solteiras, ou casadas,
Tendo para cada classe
As frases já estudadas.

104

Se he solteira, lhe protest
Que o seu intento he casar,
Sabendo que este he o meio
De mais breve a captivar.

105

E se acaso ella duvida
De humta tão prompta prome
Que he signal de ser engano,
Ou de ter mui má cabeça.

106

Elle affectando a paixão,
Lhe diz, que sente o não ter
O sceptro do Mundo todo
Para a seus pés o render.

107

Que por ella bebe os vento
E iria passar os mares,
E que fará estes votos
Ante a face dos Altares.

108

Que não tem outros desejos
Que ser seu, e a desposar;
Mas que precisa demora
Para melhor se arranjar.

109

Assim falla á que elle julga
Que he mais facil em o crier;
E se a julga mais discreta,
Dá-lhe isto só a entender.

110

Mas a qualquer dellas pede
Que deixe o cruel rigor,
E que aceite meiga e terna
O mais verdadeiro amor.

111

Que abjure só para elle
A fêra, e dura isenção,
E que amorosa despache
Sua amante petição.

112

Eis a pobre da innocente
Cahida na fatal rêde,
E os despachos que lhe dá
Em todas he *Como Pede*.

113

Assim vai comendo a peta,
E com esta outras mais;
E ás vezes, por mais desgraça,
Tambem as comem os Pais.

114

Passa logo o astuto amante
A ter toda a estimação,
Não só dos Pais e da Filha,
Mas, se o tem, até do Irmão.

115

Tem logo entrada na casa,
E ao pé da filha o lugar,
Dando assim á companhia
Motivos de murmurar.

116

Mas o escandalo não dura,
Porque este amante vai breve
A buscar em outra parte
O mesmo, que alli obteve.

117

Porém começo as pragas,
Os prantos e a maldição,
Que todos lanção á filha
Não só os Pais, mas o Irmão.

118

E o rapaz, que era o menino,
Por quem Deos tinha fallado,
Já he mais máo que o Demo,
E peor que hum cão damnado.

119

Até alli era hum Fidalgo
Rico, sabio, e bemfeitor;
Agora he plebeo, he vil,
He hum tollo, he hum traidor.

120

Fervem logo as pericções
Contra elle aos Pés do Throno,
Sem reparo a que taes queixas
São em próprio desabono.

121

Pois ninguem deve chanar-se
Infeliz, ou desgraçado,
Se os malles, de que se queixa,
Devia ter evitado.

122

Ah! que se eu tivesse a honra
Do meu Rei aconselhar,
Póde ser que taes desordens
Se podessem emendar.

Pois

123

Pois em castigo dos Pais,
Da filha, e do delinquente
Povoaria os Sertões
Desta indiscreta gente.

124

E far-lhe-hião companhia
Os mãos, ou os mandriões,
Que de hum modo, ou outro faltão
A's suas obrigações.

125

Mas pois não tenho a ventura
De tão alto emprego ter,
Deixo o mundo ao mundo mesmo,
E eu trato do meu dever.

126

Com tudo deixar não devo
Esta obra em ambrião,
Porque as que ficão em meio
Dão causã á murmuração.

127

Vou pois ao segundo ponto;
E por não dar-te fastio,
Tratallo-hei ligeiramente,
E sem fazer mais desvio.

128

Se he casada, a frase he outra,
Pois entra em conversação
Para saber se ella vive
Em paz, e em doce união.

129

Se o não vive, elle entra logo
A lamentar-lhe a desgraça,
E aqui fórma os seus aproches
Para conquistar a Praça.

130

Toma logo o seu partido
Com grande força, e paixão,
E ou com justiça ou sem ella
A tudo lhe dá razão.

131

Eis a Senhora julgando
Que tem neste hum grande amigo,
E ella tem nelle hum traidor,
E o seu maior inimigo.

132

Pois como a desunião
Faz a perda de hum casal,
Augmentar-lha he fazer-lhe
Cada vez maior o mal.

133

Se vê que vive contente
Com seu amavel Esposo,
Então julga o vencimento
Da Praça mui duvidoso.

134

Mas julgando que em tal caso
Sómente perde o fallar,
Vai fallando, e não se assusta
Com o que póde arriscar.

135

Louva-lhe então o marido,
Diz-lhe que está bem casada,
Porém que diz muita gente
Que fôra mal empregada.

136

Pois que tendo tantas graças,
E tão linda formosura,
Devia fazer no mundo
A mais brilhante figura.

Que

137

Que he hum gosto vèlla entrar
 Nas companhias brilhantes,
 Attrahindo logo os olhos
 De todos os circumstantes.

138

Pois que ella chega a luzir
 Entr' as que são mais formosas,
 Como em prado de marcella
 Podem luzir lindas rosas.

139

E que assim a Natureza
 Não formou hum coração,
 Que ao vèlla não sinta logo
 De amor a maior paixão.

140

Assim vai vendo se ella
 Tem o defeito fatal,
 De ser de si presumida,
 Que a tantas tem feito mal.

141

Se lhe conhecé esta balda,
 Nas lisonjas continúa;
 E esta prêza duvidosa
 Alegre a conta por sua.

142

E bem que acha muitas vezes,
 Que errou a conta já feita,
 Nem se emenda para outras,
 Nem lhe dóe esta desfeita.

143

Eis-aqui vez, Comadrinha,
 Os que podem aspirar,
 Pois nunca perdem no jogo,
 E podem muito ganhar.

144

Entre tanto que os que cuidão
 Em ter bom nome no Mundo,
 Qualquer cousa, que lhes estranhem
 Os põe em pezar profundo.

145

Mas eu devo suspender
 Da Musa o picante influxo,
 Antes que te dem meus versos,
 Mais tormento, que o defluxo.

